



PROJETO DE EXTENSÃO FIOS DE REBECA: DESAFIOS PARA A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

FIOS DE REBECA EXTENSION PROJECT: CHALLENGES FOR PROMOTING AN ANTI-RACIST EDUCATION

PROYECTO DE EXTENSIÓN FIOS DE REBECA: DESAFÍOS PARA PROMOVER UNA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA

Silvano da Conceição¹

Nágila de Andrade Santos²

Resumo: O presente texto é fruto das ações extensionistas desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão Fios de Rebeca, que teve como objetivo propiciar à docentes e discentes da rede pública de ensino de Jequié/BA, o debate sobre a educação para as relações étnico-raciais e colaborar para a implementação da Lei 10.639/2003. A estratégia metodológica adotada para o desenvolvimento das atividades foram as oficinas, pois, de acordo com Candau e Zenaide (1999), elas permitem um movimento que toma como ponto de partida os conhecimentos prévios dos participantes para ir construindo, desconstruindo e reconstruindo saberes. As ações foram desenvolvidas entre out./2018 e dez./2019, a partir de parcerias com escolas públicas do município de Jequié e uma do distrito de Ilha Formosa, município de Cravolândia, atingindo um total de 350 pessoas, entre discentes (das escolas, graduação e pós-graduação) e docentes (das escolas e da UESB). Dessa forma, concluímos que as ações do projeto atingiram aos objetivos propostos, uma vez que tivemos acaloradas discussões sobre a temática central do projeto, positivando a identidade negra e promovendo a reconexão com ancestralidades invisibilizadas, o que certamente contribui para a construção de uma cultura de paz, na qual as diferenças e a diversidade étnico-racial acabam sendo lidas como elementos potencializadores da sociedade.

Palavras-chave: Discriminação. Identidade. Oficinas. Preconceito étnico-racial. Racismo.

Abstract: *This text is the result of extensionist actions developed within the scope of the Fios de Rebeca Extension Project, which aimed to provide teachers and students of the public teaching network of Jequié/BA with a debate on education for ethnic-racial relations and*

¹ Cientista Social. Doutor em Sociologia, pela Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil. Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3577-2268> E-mail: sconceicao@uesb.br

² Pedagoga. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGREC/UESB), Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8583-7353>. E-mail: 2023m0054@uesb.edu.br

collaborate for the implementation of law 10.639/2003. The methodological strategy adopted for the development of activities was the workshops, because, according to Candau and Zenaide (1999), they allow a movement that takes as a starting point the previous knowledge of the participants to build, deconstruct and reconstruct knowledge. The actions were developed between Oct/2018 and Dec/2019, based on partnerships with public schools in the municipality of Jequié and one in the district of Ilha Formosa, municipality of Cravolândia, reaching a total of 350 people, including students (from schools, undergraduate and postgraduate) and teachers (from schools and UESB). In this way, we conclude that the project's actions achieved the proposed objectives, since we had heated discussions about the central theme of the project, positivizing black identity and promoting the reconnection with invisible ancestries, which certainly contributes to the construction of a culture of peace, in which ethnic-racial differences and diversity end up being read as potentializing elements of society.

Keywords: *Discrimination. Identity. Workshops. Ethnic-racial prejudice. Racism.*

Resumen: *Este texto es el resultado de acciones extensionistas desarrolladas en el ámbito del Proyecto de Extensión Fios de Rebeca, que tuvo como objetivo brindar a docentes y estudiantes de la red pública de enseñanza de Jequié/BA un debate sobre la educación para las relaciones étnico-raciales y colaborar para la implementación de la ley 10.639/200. La estrategia metodológica adoptada para el desarrollo de las actividades fueron los talleres, pues, según Candau y Zenaide (1999), permiten un movimiento que toma como punto de partida los saberes previos de los participantes para construir, deconstruir y reconstruir saberes. Las acciones se desarrollaron entre oct/2018 y diciembre/2019, con base en alianzas con escuelas públicas del municipio de Jequié y una del distrito de Ilha Formosa, municipio de Cravolândia, alcanzando un total de 350 personas, entre estudiantes (de escuelas, pregrado y posgrado) y docentes (de colegios y UESB). De esta forma, concluimos que las acciones del proyecto lograron los objetivos propuestos, ya que tuvimos discusiones acaloradas sobre el tema central del proyecto, la postulación de la identidad negra y la promoción de la reconexión con los ancestros invisibles, lo que ciertamente contribuye a la construcción de una cultura de paz, en el que las diferencias y diversidades étnico-raciales acaban siendo leídas como elementos potenciadores de la sociedad.*

Palabras clave: *Discriminación. Identidad. Talleres de trabajo. Prejuicio étnico-racial. Racismo*

Introdução

O racismo no Brasil se apresenta em todos os espaços e instituições sociais a partir de variadas faces, sendo uma delas a estrutural (ALMEIDA, 2019). A estruturação racista está incrustada tanto nas instituições privadas como públicas, perpassando a apreensão estética e estruturando o universo das relações sociais. Portanto, o racismo não está apenas no consciente



Revista Extensão & Cidadania, v. 11, n. 19, p. 202-214, jan./jun. 2023.

DOI: 10.22481/recuesb.v11i19.12572

ISSN 2319-0566

dos sujeitos, mas sobretudo na composição da sociedade, que o entende como desigualdade natural entre os atores sociais (BERSANI, 2017; BERSANI, 2018).

A instituição escolar sendo parte dessa sociedade estruturalmente racista, não está isenta de reproduzir racismos e opressões, pois tal como Cavalleiro *et al.* (2005, p. 12), “a escola e seus agentes, os profissionais da educação em geral, têm demonstrado omissão quanto ao dever de respeitar a diversidade racial e reconhecer com dignidade as crianças e a juventude negra”. Nesse trecho, a autora mostra-se categórica, ao indicar que a instituição escolar acaba sendo utilizada como instrumento de manutenção do racismo, uma vez que, pelo silenciando – conteúdo elaborado – e pensado – para um modelo específico de aluno –, desconsidera a pluralidade dos discentes que adentram a escola como sujeitos histórico-sociais com sua cultura, valores, costumes, crenças e tradições, elementos que não têm como deixar do lado de fora do portão.

No que diz respeito a estética dos povos que compõem a configuração pluriétnica do Brasil, o cabelo e a cor da pele (na construção racializada da identidade negra) são características essencializadas e largamente utilizadas para a discriminação (CONCEIÇÃO; SANTOS. 2020). Para Gomes (2003), a importância dessa dupla, sobretudo o cabelo crespo, na relação de como o negro se vê e de como ele é visto pelo outro, é carregada de símbolos, sendo fundamentais na estética negra de um corpo considerado aceitável ou não. Essas características transpõem espaços e relações sociais das quais os negros se integram, indo desde as relações familiares, de amizades, afetivas/sexuais, até aquelas construídas no trabalho e nas instituições escolares. “Para esse sujeito, o cabelo carrega uma forte marca identitária e, em algumas situações, é visto como marca de inferioridade” (GOMES, 2002, p. 2).

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica da rede pública e particular, foi um importante ganho na promoção de uma educação para a diversidade e ao projeto educativo do Movimento Negro, projeto esse que, conforme Gomes, fora:

[...] construído à luz de uma realidade de luta. Esse projeto se choca, muitas vezes, com a racionalidade hegemônica que impera na teoria social e pedagógica, visto que apresenta outro tipo de saber, construído numa história em que a diversidade étnico-racial sempre esteve presente, em que a alteridade sempre esteve pautada, não só no reconhecimento do outro, mas na luta política de ser reconhecido como um outro, com o direito de viver a sua



diferença e ver sua cultura e sua identidade respeitadas tanto no cotidiano das escolas e dos seus Currículos quanto na política educacional (GOMES, 2008, p. 6).

Para a autora em questão, o Movimento Negro, com sua capacidade de provocar mudanças nas estruturas (sociais e políticas) e na educação, especificamente, exerce a função de agente social, tanto no setor político como na história do Brasil. Suas pautas têm como protagonista a população negra, mas são baseadas na alteridade e, nesse sentido, suas reivindicações objetivam fomentar uma sociedade democraticamente mais equânime e assentada numa cultura de paz.

Foi levando em consideração esse percurso teórico e considerando que o reconhecimento da existência do outro passa por colocar sob rasura o conhecimento que se produziu sobre a cultura africana e afro-brasileira na formação da nação brasileira – objetivando a construção de uma identidade positiva, especialmente a negra –, foi que o grupo de estudos e pesquisa “Legados Africanos, Relações Étnico-Raciais Contemporâneas e Legislação Educacional” (GEPER), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequié, elaborou e desenvolveu o Projeto de Extensão “Fios de Rebeca”³.

Origem do projeto

O nome do projeto buscou dar visibilidade ao cabelo (um dos importantes marcadores da construção do preconceito étnico-racial no Brasil) e à estudante de uma das escolas do município, que por muito pouco não abandonou os estudos na tentativa de fugir da sanha racista de uma parte da comunidade escolar em que estava inserida. Com o nome “Rebeca”, buscamos ainda representar não apenas o individual/particular, mas sobretudo um coletivo de pessoas negras que diariamente passam por situações de racismo e discriminação étnico-racial nas escolas do município de Jequié.

³ O Projeto de Extensão Fios de Rebeca era composto pela realização de oficinas, espaços de formação para docentes e gestores/as e pela realização de um seminário anual intitulado O Racismo e suas Faces, atividade de culminância do projeto que ocorria na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) *campus* de Jequié. Agradecemos a parceria de algumas pessoas integrantes do GEPER, tanto para a construção como para execução das oficinas do Fios de Rebeca”: Ana Letícia de Jesus Silva, Lorena Souza Santos, Joana Farias de Assis, Mayara Caires Dourado e Franciele Nascimento (bolsista de extensão do projeto em questão).



No ano de 2018, numa das reuniões promovidas pelo GEPER, uma docente (integrante do grupo) da rede pública de ensino de Jequié, na Bahia, relatou um caso de discriminação étnico-racial, sofrido diariamente por uma discente, na escola em que desenvolvia suas atividades. Na sequência desse seguiram-se outros relatos que também enfatizavam a presença do racismo em outras escolas do município. A partir desse momento, os integrantes do GEPER tomaram a decisão de elaborar um conjunto de atividades extensionistas (oficinas, formação docente e um evento anual) tendo como propósito a promoção de uma educação antirracista, tal como está proposto na Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003).

Segundo Paviani e Fontana (2009, p. 2), “uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”. Como qualquer outra prática pedagógica, ela necessita ser planejada, mas a sistematização do conhecimento se dá na relação reflexão-ação, ação-reflexão. Apesar de construídas conjuntamente, a realização das oficinas ficou, na maioria das vezes, sob a responsabilidade das estudantes das licenciaturas em Pedagogia e Letras e das docentes da rede pública de ensino do município (todas integrantes do GEPER), enquanto que a formação docente ficou a cargo do coordenador do grupo.

Em todas as atividades propostas, o grupo realizou discussões sobre cultura e identidade negra junto a algumas comunidades escolares do município de Jequié, pretendendo que discentes negros e não negros pudessem conhecer, valorizar e relacionar-se com a história e cultura africana e afro-brasileira, objetivando uma positividade da identidade negra.

Metodologia

Tal como proposta na literatura especializada sobre o assunto, as oficinas educativas (CARDOSO; COSTA, 2017) buscam promover, a um só tempo, dois aspectos (ação e reflexão) que, associados a outras interfaces do processo ensino-aprendizagem, potencializam a formação integral de crianças e adolescentes (ROMERA *et al.*, 2008). Candau e Zenaide (1999, p. 24) consideram que as oficinas se apresentam como uma excelente estratégia formativa, justamente por se configurarem como “espaços de construção coletiva do saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos.



Compreendemos que as oficinas se caracterizam como um processo pedagógico, no qual discentes e docentes desafiam um conjunto de problemas específicos que, no caso do Projeto de Extensão Fios de Rebeca, estiveram atrelados tanto no enfrentamento ao racismo (em suas diferentes faces) como à promoção de uma educação antirracista. No total, foram elaboradas e realizadas seis oficinas: i. Me enxergo como realmente sou ou como querem que eu me veja?; ii. O cabelo crespo como marca da identidade negra; iii. Pintura corporal e desfile exibição; iv. História e significados da boneca Abayomi; v. Contação de história: princesas e rainhas negras e, por fim, vi. Dança Afro como marcador identitário.

A elaboração dessas oficinas ocorreu durante as reuniões quinzenais do GEPER, sediado na UESB, *campus* universitário de Jequié, sendo realizadas entre os meses de outubro e novembro/2018 e agosto e novembro/2019, tendo atingido um total de 350 pessoas, entre discentes, docentes, coordenadoras e diretoras. Como o grupo contava com docentes da rede pública de ensino do município de Jequié, estes traziam os temas das oficinas para as reuniões do grupo após conversas com os docentes de suas escolas. As oficinas do projeto em questão foram desenvolvidas a partir de parcerias firmadas com algumas escolas públicas do Ensino Fundamental I e II e uma escola do ensino médio, a maioria localizada no município de Jequié e uma em Ilha Formosa, distrito do município de Cravolândia, na Bahia.

Aplicação das oficinas do projeto nas escolas

As primeiras oficinas pedagógicas foram desenvolvidas, no ano de 2018, apenas na Escola Municipal Dr. Joel Coelho Sá (Centro de Atendimento Integral à Criança e Adolescente – CAIC). Em 2019, a proposta inicial do projeto vislumbrava a atuação em duas escolas do município (atingindo um público de 160 pessoas), porém, em virtude da visibilidade que as ações do projeto ganhou entre docentes, coordenadoras e diretoras de escolas, outras instituições de ensino procuraram a coordenação e, ao final, foram estabelecidas parcerias com cinco escolas públicas do município e uma em Ilha Formosa, distrito de Cravolândia, o que fez com que as ações atingissem 350 pessoas.

O propósito e empenho do grupo era de que o projeto não ficasse limitado a datas incorporadas pela escola como folclóricas ou simplesmente “comemorativas” – como o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra –, uma vez que a sociedade brasileira foi edificada



tendo a racialização como elemento de base na construção das relações sociais entre pessoas de diferentes etnias, que vieram ou foram trazidas para o país desde os primórdios da colonização. Ou seja, a compreensão do GEPER, já naquele momento, era que uma temática dessa envergadura deveria ser trabalhada, nas escolas, ao longo do ano letivo⁴, uma vez que a Semana da Consciência Negra configura um período muito curto para a abordagem dos conteúdos programáticos propostos na Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), fundamentais para a promoção de uma educação antirracista no Brasil.

Num documentário de Martins (2011) hospedado no *YouTube*, o historiador Antônio Cosme afirma que é por meio de um processo de educação que as pessoas constroem suas identidades e se a criança tem seu cabelo taxado como ruim, seu nariz como grande demais e a cor da sua de pele como marca de inferioridade, ela acaba sendo motivo de risos e desprezo, o que, conseqüentemente, contribui para a construção de uma autorrepresentação de si muito negativa, que a induz a não gostar de si, de rejeição.

Exatamente por essa razão, a adoção de uma postura de compromisso social/educacional e de senso de justiça, por parte dos gestores e docentes, é fundamental para uma educação que coloque o racismo sob rasura e ajude na construção positiva da identidade de crianças, adolescentes e jovens negros.

A função social da escola, segundo Cury (2007), pode ser vista como instrumento de diminuição das discriminações. As oficinas propostas pelo projeto têm esse intuito, ao propor a problematização da autorrejeição, para que discentes possam enxergar-se belo, sem ter o modelo eurocêntrico como padrão de beleza para comparar-se, contemplando a estética negra de forma valorizada. As oficinas foram construídas e aplicadas levando em consideração a faixa etária do público a ser atendido nas escolas. São elas:

Oficina 1: “Me enxergo como realmente sou ou como querem que eu me veja?”

A ideia foi dialogar com os estudantes sobre estética e corporeidade negra, objetivando a desconstrução da negação de traços fenotípicos decisivos para a ridicularização do corpo

⁴ No ano de 2019, as atividades estavam previstas com início no mês de maio, porém, em virtude da greve das universidades estaduais na Bahia, o calendário sofreu um atraso, colocando as atividades para após o recesso escolar de julho, o que nos obrigou a refazer o planejamento inicial do projeto em questão.



negro. A oficina teve como objetivo geral provocar questionamentos acerca da estética do racismo, que utiliza o fenótipo do povo negro socialmente evidenciada para depreciar e inferiorizar. Especificamente, visou à desconstrução do que é socialmente construído como belo a partir da estética eurocêntrica e tendo a diversidade estética como uma característica valiosa do que pode ser belo: quem não possui tal estética descubra-se belo também. Para o desenvolvimento da oficina, foi utilizado um espelho de corpo, para que quem estivesse de frente a ele se olhasse e se descrevesse, sendo mediado pelasicineiras. Após esse momento, um documentário foi exibido: “espelho, espelho meu”, que trazia entrevistas com crianças, adolescentes e adultos negros, sendo questionados sobre como se viam. Após a exibição do documentário, as pessoas presentes foram questionadas sobre o que acharam do vídeo, para, a partir disso, problematizar os efeitos do racismo na imagem que as pessoas negras construíam de si.

Oficina 2: “O cabelo crespo como marca da identidade negra”

O objetivo dessa oficina foi valorizar e orientar os cuidados que devem ser tomados com o cabelo cacheado/crespo. No primeiro momento, as integrantes do GEPER fizeram um questionamento (como é conhecido esse tipo de cabelo?), para coletar os conhecimentos prévios sobre o assunto para depois fazer uma exposição de fotos com diferentes curvaturas de fios capilares, destacando o nome atribuído para cada curvatura de fio capilar. No segundo momento, foi exibido um vídeo sobre uma criança negra que teve o seu cabelo associado à palha de aço (bombril) pelos seus colegas. No vídeo, a criança dá uma aula de autoestima e autoafirmação de sua identidade negra, enaltecendo que os fios do seu cabelo o caracterizam como crespo. Após a exibição do vídeo, foi franqueada a palavra para que, pela mediação das condutoras da oficina, os discentes pudessem trazer as suas impressões sobre a temática abordada. É fundamental que os espaços educativos sejam capazes de proporcionar empatias e sensibilidades com as crianças que possuem a curvatura do fio capilar cacheado/crespo, pois a ausência desses ingredientes tem, historicamente, fortalecido discursos de discriminação e rejeição, tanto dentro como fora das escolas. O terceiro momento foi desenvolvido por uma cabeleireira especialista em cabelos crespos, que conversou com os/as estudantes sobre os



malefícios de usar química no cabelo para alisar, enaltecendo a beleza do cabelo natural e dando dicas de como cuidar dele.

Oficina 3: “Pintura corporal e desfile exibição”

Tal como notado em várias sociedades mundo afora, incluindo os povos originários do Brasil, a pintura corporal configura-se como expressão corporal existente entre diversas sociedades africanas, expressando a preparação para a luta, caça, casamento, morte, etc. Portanto, nessa oficina o objetivo era compreender e discutir os diferentes significados da pintura corporal para algumas sociedades africanas, destacando sua ancestralidade e suas conexões identitárias. Após a realização das discussões, os/as participantes foram convidados/as a pintar seus corpos, com uma pintura corporal de sua escolha para, em seguida, ser realizado um desfile exibição no auditório ou pátio da escola. O momento do desfile/exibição se caracterizou como um momento de muita alegria, especialmente nos/nas discentes negros/as.

Oficina 4: “História e significados da boneca Abayomi”

A oficina era iniciada com uma roda de conversa sobre a Lenda das Abayomis em que, partindo dos conhecimentos prévios, era apresentada a origem e o significado ancestral do nome. A origem se refere às bonecas que são conhecidas como amuleto de proteção para as crianças, remonta da travessia dentro dos navios negreiros, da África para a América e o significado é encontro precioso, na língua Iorubá. Em seguida, se perguntava aos discentes se conheciam algum objeto ou coisas da África para, posteriormente, serem feitos questionamentos acerca da importância da representatividade dessa boneca para a construção da identidade negra. Procurando estimular a produção de bonecas Abayomi foi exibido um vídeo (com duração de 5 minutos) contendo instruções sobre o passo-a-passo de como realizar a sua confecção. Com as bonecas prontas, foram colocadas argolas de chaveiro para que, na parte final da oficina, os discentes fossem estimulados a presentear um colega com a sua produção, expressando oralmente o desejo de algo bom para o/a colega presenteado/a.



Oficina 5: “Contação de história: princesas e rainhas negras”

Utilizando o livro “Princesas africanas”, essa oficina teve como objetivo levar ao conhecimento das crianças a informação sobre a existência de princesas e rainhas africanas, ou seja, desconstruir a ideia sobre a existência de princesas/rainhas unicamente brancas, de cabelo liso e de reinos fictícios. No primeiro momento, as histórias contadas foram adaptadas observando a série e a idade das crianças, tendo como ponto de partida uma conversa para ouvir os alunos e interagir melhor com eles; no segundo momento, a contação de história e, por último, no terceiro momento, abriu-se espaço para a conversação com o corpo discente sobre a história contada, buscando captar suas impressões e significados.

Oficina 6: “Dança Afro como marcador identitário”

Esta oficina foi ministrada por uma das colaboradoras do projeto, aluna do curso de Dança na UESB, *campus* de Jequié. O objetivo dessa oficina foi resgatar a dança afro como manifestação cultural dos povos africanos, intentando contribuir para a desconstrução da ideia da dança afro ser restritamente um elemento das religiões da matriz africana. No primeiro momento, foi feita a introdução sobre o que é dança afro, momento para dialogar com os/as alunos/as sobre o que conheciam sobre dança afro, para a partir daí trazer conhecimento sobre o que é dança afro; no segundo momento, houve a dança solo da colaboradora e, no terceiro momento, o ensino de alguns passos característicos da dança afro.

Conclusão

A construção da identidade é um tema que precisa ser, cotidianamente, trabalhado junto a toda comunidade escolar, pois a escola se configura como um dos mais importantes espaços educativos da sociedade. Ou seja, para a positivação da identidade de crianças negras é fundamental que a escola adote uma postura antirracista, enfrentando narrativas e construções que ridicularizam as características de crianças negras no espaço escolar.

As oficinas desenvolvidas no âmbito das escolas buscaram atingir construções essencializadas sobre a identidade negra, atacando os aspectos de negação dessa identidade e



buscando propor uma outra leitura sobre corporeidades e representações da população negra. Pois, por um lado, entendemos que colocar as construções essencializadas da identidade negra sob rasura gera um importante impulso para que crianças e adolescentes possam desenvolver um outro olhar sobre seus corpos e, por outro, os enfrentamentos proporcionados pelas oficinas também ajudaram crianças brancas a reformularem entendimentos sobre algumas contribuições da cultura africana e afro-brasileira para a construção do Brasil.

Consideramos essa reformulação como fundamental para que as novas gerações possam compreender, respeitar, valorizar e reconhecer a diversidade étnico-racial desse país. Portanto, as oficinas cumprem um importante papel ao contribuir para a formação de cidadãos comprometidos com a construção de uma cultura de paz e respeito à dignidade humana, com equidade de direitos. O reconhecimento dos elementos de violação e usurpação de humanidade, que duraram séculos, aponta um caminho seguro para se promover a desconstrução do olhar estigmatizado à estética negra racializada, contribuindo para a superação do racismo brasileiro e, também, pavimentar a construção de uma cidadania plena de direitos. A participação e o entusiasmo dos/das estudantes, gestoras e diretoras não nos deixa dúvidas de que, por meio das oficinas do Projeto de Extensão “Fios de Rebeca”, o GEPER contribuiu para a promoção de uma educação antirracista nas escolas.

Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERSANI, H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.148025> Acesso em: 15 abr. 2023.

BERSANI, H. Racismo estrutural e o direito à educação. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 8, n. 3, p.380-397, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6975>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 10 abr. 2023.



Revista Extensão & Cidadania, v. 11, n. 19, p. 202-214, jan./jun. 2023.
DOI: 10.22481/recuesb.v11i19.12572

ISSN 2319-0566

CANDAU, V. M.; ZENAIDE, M. de N. T.; MELO, J. A. P. de. **Oficinas: aprendendo e ensinando direitos Humanos**. João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos/Secretaria da Segurança Pública do Estado da Paraíba/Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.

CARDOSO, R. C.; COSTA, M. H. de C.; BRITO, T. C. de; SANTOS, R. M. de S.; SANTOS, J. O. dos. As oficinas educativas enquanto metodologia educacional. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., 2017, Campina Grande. **Anais [...] IV CONEDU**, Campina Grande: Realize, 2017. p. 1-12. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/TRABALHO_EV073_MD1_SA2_ID7223_11092017164955.pdf Acesso em: 10 abr. 2023.

CAVALLEIRO, E. dos S. Introdução. In: SOUSA, A. L. de *et al.* **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume2_educacao_anti_racista_caminhos_abertos_pela_lei_federal_10639_2003.pdf Acesso em: 10 abr. 2023.

CONCEIÇÃO, S.; SANTOS, S. J. A implementação da Lei nº 10.639/2003 numa escola municipal do interior da Bahia. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 42, n. 81, p. 9-25, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52198> Acesso em: 15 abr. 2023.

CURY, J. R. C. A gestão democrática na escola e o direito à educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** – RBP AE, v. 23, n. 3, p. 483-495, set./dez. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/19144/11145> Acesso em: 15 abr. 2023.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos Da Escola**, v. 2, n.2/3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v2i2/3.127> Acesso em: 15 abr. 2023.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 abr. 2023.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Orientador: Kabengele Munanga. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARTINS, E. **Documentário sobre estética e cabelos afros: espelho, espelho meu!**



Revista Extensão & Cidadania, v. 11, n. 19, p. 202-214, jan./jun. 2023.

DOI: 10.22481/recuesb.v11i19.12572

ISSN 2319-0566

YouTube 28 nov. 2011. Disponível em: <https://youtu.be/44SzV2HSNmQ>. Acesso em: 9 abr. 2023.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: Filosofia e Educação**, v. 14, n. 2, p. 77-88, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/16-60-1-PB.pdf> Acesso em: 9 abr. 2023.

ROMERA, L.; RUSSO, C.; BUENO, R. E.; PADOVANI, A.; SILVA, A. P. C.; SILVA, C. R. da; ABREU, G. de; BINI, Íris; CAMPOS, P. B.; SILVA, P. D. da. O lúdico no processo pedagógico da educação infantil: importante, porém ausente. **Movimento**, v. 13, n. 2, p.131-152, 2008. Disponível em: DOI: 10.22456/1982-8918.3550 Acesso em: 9 abr. 2023.

Recebido: 04.05.2023

Aceito: 01.06.2023

Publicado: 06.06.2023



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Revista Extensão & Cidadania, v. 11, n. 19, p. 202-214, jan./jun. 2023.

DOI: 10.22481/recuesb.v11i19.12572

ISSN 2319-0566